

R

ELAÇÕES ENTRE PERFORMANCE E FLUXOS MIGRATÓRIOS NA OBRA DE LIDA ABDUL

“Relations between performance e migration flows in Lida Abdul work”

Camila Duarte*

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este artigo visa compreender como se dão as relações entre os processos de migração e criação artística nos trabalhos desenvolvidos pela artista afegã Lida Abdul. Esta tessitura constrói-se a partir de uma breve apresentação de sua trajetória artístico biográfica, junto a uma análise na qual especula-se e argumenta-se sobre a influência de sua experiência como refugiada, na criação e produção de suas performances e vídeo-arte, tomando como exemplo a obra intitulada “Dome”, na qual torna-se evidente a perspicácia da artista ao capturar instantes, elaborar emoções, promover debates e olhar cuidadosamente para a realidade ao fazer dela um espaço para a produção e compartilhamento de sensibilidades e percepções.

Palavras-chave: Migrações, Performance, Lida Abdul.

ABSTRACT: This article aims to understand how occur the relations between migration processes and artistic creation in the work of the Afghan artist Lida Abdul. This fabric is constructed from a brief presentation of his biography artistic path, as well as an analysis in which it is speculated and argued about the influence of her experience as a refugee in the creation and production of her performances and video art taking as an example the work entitled “Dome”, in which it is clear the acumen of the artist to capture moments, elaborate emotions, promote debates, look carefully at the reality and make it a space for the production and sharing sensibilities and perceptions.

Keywords: Migration, Performance, Lida Abdul.

O final da década de 70 e os corridos anos 80 foram um período marcado por invasões e conflitos de cunhos políticos e interesses econômicos no Afeganistão. Durante esta época ocorreu uma queda na taxa de crescimento populacional do país, associado a um aumento significativo de pessoas que deixaram esse território, cuja expectativa de vida caía tendenciosamente.

A afegã Lida Abdul junto a sua família e a cerca de 6 milhões de afegãos, foi uma dessas pessoas que deixou sua terra natal ainda na adolescência, na tentativa de garantir para si outra perspectiva de vida, que não se limitasse àquela determinada pelo apogeu dos países em guerra.

Ter passado pela experiência de se ver obrigada a procurar refúgio em terra estrangeira, primeiro na Índia, depois na Alemanha, até finalmente radicar-se nos Estados Unidos onde vive até hoje, afetou profundamente o modo de ver a vida dessa artista, que encontrou em seu trabalho uma maneira de transgredir as dores vividas.

Passados aproximadamente 20 anos sem voltar ao Afeganistão, ao retornar Abdul deparou-se com Cabul em ruínas. A experiência da guerra ainda produzia traumas. E é a partir dessa permutação das perdas oscilantes entre uma desterritorialização e uma reterritorialização e

outra, que a artista passa a operar minuciosamente diálogos entre a memória e o espaço, cujas ressignificações destes passam a tornar-se o cerne de suas ações artísticas, políticas e poéticas.



Figura 1 - Imagem da instalação audiovisual “*In Transit*”¹. Ver mais em <www.lidaabdul.com>

Lida Abdul se coloca diante do mundo como artista e cidadã, e questiona-o impiedosa e categoricamente em vários aspectos, a começar pela sua mobilidade entre diferentes territórios, o que a caracteriza como um sujeito cuja não-fixidade transversa sua obra e vida: Abdul transita entre o Ocidente e o Oriente percorrendo continentes e oceanos, realiza e exerce política e poeticamente, assim, seu direito de ir e vir, muitas vezes negado a tantos outros cidadãos migrantes no/do mundo.

Para considerar os percalços que acompanham a composição de suas obras, faz-se necessário direcionar a atenção para o drama que é sair como refugiado de seu país de origem, quando o Estado não cumpre com sua

obrigação de garantir aos cidadãos seus direitos humanos básicos, tais como saúde, educação e segurança, além de não garantir a devida proteção à identidade das minorias, pondo em risco a vida dos que ali vivem e se relacionam.

Esta artista, tendo sido refugiada e atualmente dividindo sua vida e morada entre Cabul e Los Angeles, faz parte de um movimento mundial contemporâneo, que é a transformação da experiência da diáspora, e portanto do seu conceito, na qual a mobilidade imposta pelas atuais migrações obrigam as políticas voltadas para estas questões a alterarem seus olhares para o fluxo migratório. Isso significa que ao assumir-se como artista nômade, Abdul também contribui para que se aprofundem as discussões a respeito das migrações forçadas e involuntárias, e dos conflitos subjetivos e internos gerados nos sujeitos e comunidades, a partir delas.

Ao optar por manter-se em contato direto com seu país de origem, ao continuar olhando para ele, preocupada com as questões sociais que prejudicam e afetam seus conterrâneos, ao tocar nesses temas que ainda emergem urgentes, Lida Abdul mostra que é possível resistir a uma dinâmica opressiva de governo, sem sucumbir calada às suas imposições.

Catherine Wihtol Wenden, presidente do

Comitê de Investigação sobre Migração, toca em dois pontos interessantes ao tratar da condição dos refugiados: um deles é sobre a discussão em relação a alguns direitos discutidos e garantidos durante a Guerra Fria, (período determinante para a saída de Abdul de seu país), o outro é sobre a garantia a direitos por parte do refugiado quando se estabelece no país em que o acolhe.

El refugiado es considerado como un candidato al establecimiento definitivo en el país que le ha otorgado el estatuto correspondiente, sin que tenga que regresar a su país de origen: ése es el tipo de modelo que fue fomentado en el período de la Guerra Fría y de la Declaración Universal de la Naciones Unidas de 1948, según el cual “todo hombre tiene derecho a salir de cualquier país, incluso el próprio”. (WENDEN, 2013, P.128).

Neste caso, porém, não se pode considerar a partida da artista em questão como um abandono à sua terra natal, uma vez que o deslocamento, em seu caso, ressoa como um impulso para que o retorno se mantenha sempre possível.

Conforme se vai adentrando as obras da artista, é possível dizer que ela reterritorializa-nos o pensamento e a ideia sobre guerra, na medida em que outorga às ruínas e à destruição ocasionadas por esses conflitos, o caráter de vida a elas até então refutadas. Põe-nos em condição de migrantes, ao passo que nos tira do lugar comum e nos convida a relacionar-nos com a realidade

através de outra perspectiva, cuja maturidade laboral da artista redimensiona a mutilação dos espaços e brinca com eles alegoricamente através de uma narrativa poética e extremamente peculiar, transfigurando, desta forma, as características visuais e simbólicas dos locais em que instaura seus trabalhos.

Com toda a responsabilidade que suas ações implicam, desafia o olhar comum daqueles que já estão acostumados aos desastres da vida, e lembra através das composições das imagens em movimento que cria, a condição do migrante forçado que percorre o mundo agregando diversas culturas à sua, habituando-se a novos contextos, abrindo-se a novas experiências, sem deixar, apesar disso, de coabitar na memória os espaços minados pela violência.

Ao deixar um país em situação de risco, cujo pensamento colide com o do Estado, a saída do migrante é em busca de um lugar que o permita desenvolver-se enquanto sujeito de direito, cujo pensamento crítico dê a ele a possibilidade de compreender de forma autônoma a realidade que o circunda, além de participar dela sem aprisionamentos.

Por esta trilha de pensamento evidencia-se aos poucos a proximidade entre os fluxos e processos migratórios na contemporaneidade e

a performance, assim, da mesma maneira que a migração pressupõe a busca de uma melhoria na qualidade e expectativa de vida, a transitoriedade possibilita alterações nas relações com os lugares, tal qual afirma Wenden: “*La migración [...] es ante todo una estrategia y una posibilidad de tener proyecto, de aprovechar competencias, experiencia y el potencial de ciertos lugares*”. (2013, p.27).

A arte produzida por Abdul interroga a realidade, considerando-a em sua profundidade, e ao mesmo tempo cultivando e fortalecendo, por meio de uma linguagem constituída de feridas expostas e abertas, a própria história e realidade.

A performance, por sua vez, carrega em si essa capacidade implacável de lançar-se às pungências do cotidiano, podendo provocar alterações nas relações entre os indivíduos e seus hábitos diários, tal qual afirma Renato Cohen:

É importante enfatizar o papel de radicalidade que a performance, como expressão, herda de seus movimentos predecessores: a performance é basicamente uma linguagem de experimentação, sem compromissos com a mídia, nem com uma expectativa de público e nem com uma ideologia engajada. Ideologicamente falando, existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação, esta a força motriz da arte. (P.45, 2011).

Por conseguinte, a performance torna-se uma alternativa para reabilitar no corpo os

sentidos dos quais este se vê afastado, diante do embrutecimento ao qual é sujeitada parte das sociedades atuais. A performance, por tanto, assemelha-se a migração na medida em que dribla os aspectos da vida comum, e provoca reações nos apáticos juízos daqueles que estão, por algum motivo, anestesiados.

O encantamento de seu trabalho se encontra no fato de que a artista faz do seu corpo, o próprio espaço da experiência, um corpo vivo representante da migração possível, uma migração que se dá de um Estado a outro, e que é ao mesmo tempo uma migração entre estados internos que variam entre a brutalidade e a delicadeza agudas, em que suas percepções, cognição e afecções são remanejadas e potencializadas idiossincriticamente. A artista torna-se interlocutora de guerras, de lúdicos espaços imaginários possíveis, de sonhos potentes e inofensivos; Portadora de uma arma cuja força não a torna criminal, Abdul reage à guerra fazendo arte, expondo-se às violências que constituem sua história.

A partir dessa perspectiva é possível detectar em seu trabalho esse momento em que vida e obra transam fugaz e amorosamente, trazendo às vistas do espectador o desequilíbrio visceral das artes ocasionada pelo desequilíbrio pontual das guerras. Ao olhar para os casos de migrações forçadas referentes ao Afeganistão

durante a Guerra Fria, conclui-se que migrar de um lugar a outro se torna uma questão de sobrevivência, assim como o que Lida Abdul faz, ao performar, é reivindicar uma vida de direito, fazendo de sua produção artística também uma questão de sobrevivência.

O que se pode notar nos trabalhos desenvolvidos pela artista é uma valorização da experiência que coloca em evidência a realidade vivida². O espectador é tocado, pois é conduzido por Abdul a essa realidade fluida e transitória, que se atualiza de acordo com a produção dos cenários que ela cria. Além disso, sabe-se que a desterritorialização é um fator que atinge boa parte do globo, desta maneira, assistir seus vídeos é uma maneira de ver-se refletido nele.

Ao enfrentar as adversidades instituídas pelos cidadãos cuja fixidade garantem um bem-estar até então intocável, como errante Lida Abdul adquire com seus voos um olhar de pássaro, cujo deslocamento rasante é capaz de revigorar o olhar para vida e para os espaços vazios que as diversas guerras causam.

Deve-se reconhecer a relevância desse tipo de trabalho não só no campo das artes, mas para a humanidade como um todo: são esses instantes em que um artista retoma a urgência da vida e, ao levantar poeira, chama a atenção para

que certos eventos não passem despercebidos. O que Abdul coloca em cheque são problemas ontológicos, tecendo-os de maneira fantástica aos lugares em que realiza suas performances. Trata-se de enfrentar questões enraizadas na história da humanidade, histórias que se desdobram em determinados espaços, cuja experiência amargamente vivida molda-se ao processo de (des)construção das identidades, através do lugar onde se vive, ou no caso da artista nômade, dos lugares em que vive e pelos quais passa. Por isso o reconhecimento do caráter extremamente humano de suas obras e das reflexões e sentimentos que são capazes de suscitar.

No vídeo “Dome”³, vê-se um garoto dançando como um Dervish⁴, enquanto move-se nessa dança circular olhando para o céu, no céu mesmo há um avião militar que circula rodeando o menino. Esse vídeo não foi planejado e tampouco fazia parte de algum roteiro previsto pela artista, foi filmado ao acaso, enquanto caminhava com sua câmera em busca de algum acontecimento ou imagem que pudesse capturar, para dar continuidade ao desenvolvimento do seu trabalho. Trata-se de um encontro entre um “corpo-criança” que dança e um “corpo-militar” que cerca. Um “corpo-criança” que afina livre seus pés na terra e um “corpo-militar” que sobrevoa demarcando território.



Figura 2 – Registro da instalação audiovisual “Dome”. Ver mais em <www.lidaabdul.com>

Esse é um trabalho que destaca a sensibilidade de Lida Abdul ao propor-se a enxergar para além da realidade, sem aniquilar as cicatrizes deixadas pelo passado. Ao que parece, ao executar suas obras e exercitar sua poética, está como a tentar revelar o que se esconde quando o horizonte se oculta.

No fundo, ao que parece seus impulsos artísticos provêm de questões universais, visto que deixa transbordar para além do seu corpo a dor e a beleza do mergulho em si, que é um emaranhar-se junto às questões do mundo.

Reivindica os desajustes da realidade e das relações de poder por meio de um trabalho que ao questionar a realidade, inventa outros cenários, cujas relações são convidadas a desprenderem-se dos estereótipos dos quais foram construídas. A partir daí, as relações descobrem-se dinâmicas,

voláteis, desterritorializáveis e reterritorializantes.

Ao abrir as possibilidades para outras realidades, Abdul joga para aquele que acompanha sua obra, uma questão a mais, que é a da ruptura da ideia da cisão do diálogo entre mundos. Responsabiliza-se por criar novas ordens de diálogos, de paisagens. Trata-se de não permitir que sua história se perca por entre os escombros da história do mundo. Trata-se de romper com as bases que até então sustentavam as visões medíocres. Trata-se de presentear as retinas com novas formas de encarar a vida. Trata-se de dar cores e clarear aquilo que sempre esteve coberto por turvas nuvens. Trata-se de vociferar junto ao mundo suas dores. Trata-se de distinguir-se por desabituar-se ao conformismo. Trata-se de decodificar o visível, de aspirar outros teoremas. Trata-se de sentir o prazer do fenômeno, de observá-lo... de sentir o prazer acontecendo e não definir a incompreensão indescritível do que acontece no corpo, com o corpo, na paisagem, com a paisagem.

Faz pensar que as paisagens também lacrimejam, vociferam, assumem seus medos, as paisagens, apesar de tudo, todavia enxergam, lambem-se, as paisagens, com todos seus fonemas, não se discriminam, não nos discriminam. A paisagem apenas nos aceita.

O corpo devaneia a paisagem. A paisagem abraça o acontecimento. Abriga os transeuntes. Delira os verbos, os conceitos, os apelos, os choros decorrentes das perdas. Chora-se também porque se vive. Chora-se, pois se sobrevive diariamente num declarado embate entre eu e o outro. E tomada pela imensidão da paisagem, Lida Abdul rasga o verbo, agita pronomes, alimenta virtudes gozosas. Faz mágica. E relembra: somos paisagem se nos aliarmos a ela.

Faz-se notório em seu trabalho ainda, essa simbiose explícita entre migração e performance, na qual é a trajetória percorrida e desbravada, somada aos elementos colhidos durante o percurso traçado, que nutrem o trabalho final, assim como o encontro do cidadão nômade consigo só é possível quando ocorre a travessia.

Por fim, é possível reconhecer que a artista compreende o corpo como um meio que comunica uma linguagem, a saber, uma retórica que é transcrita por meio da voz que é dada ao espaço onde ocorrem as performances e instalações promovidas por Abdul.

NOTAS

¹ Nesta obra Lida Abdul convida cerca de 60 crianças a cobrirem com algodão enferrujados buracos bombardeados de um avião russo abandonada há aproximadamente 20 anos em Cabul.

² Sugiro ao leitor buscar as obras “In Transit”, “Military Body” e “Global Porn” por meio das quais Lida Abdul levanta questões e aborda temas sobre intervenções artísticas em territórios de conflito, relações entre corpo e violência, e pensamentos acerca do sistema capitalista, o qual investe numa constante tentativa de silenciamento dos sujeitos e seus corpos em correlação com o mundo.

³ No link <https://www.youtube.com/watch?v=IIJW43Ux_bM> é possível acessar um trecho deste vídeo produzido pela artista junto a um depoimento seu falando sobre a obra em questão.

⁴ “Sua prática consiste num ritual místico (Sema) em que os Dervishes giram sobre si mesmos e em círculos. Assim como os planetas giram em torno de si mesmos e em torno do sol. (...) Seus giros são em torno de seu eixo (simbolicamente de seu coração). Seus braços se abrem e se posicionam de modos diferentes conforme os giros avançam. Num determinado momento posicionam a mão direita com a palma para cima, que recebe o amor de Deus. Sua mão esquerda se vira para baixo em direção à terra e transfere o amor recebido para o mundo.” Disponível em <http://artepensando.blogspot.com.br/2011/09/dervishes-rodopiantes-istambul.html>. Acesso em 01/06/2015.

REFERÊNCIAS

COHEN, Renato. A performance como linguagem. 3.ed. São Paulo, Perspectiva, 2011.

FÉRAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. p.197-210. In: Sala Preta, 2009.

GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. Tradução Renato Cohen. São Paulo, Perspectiva, 2005.

GOLDGBERG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIETZSCHE, F. A vontade de poder. Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

SANTOS, Adriana Rosa Cruz. Heterotopias menores: delirando a vida como obra de arte, 2011 Mnemosine Vol.7, nº1, p. 98-106.

SANTO, Carolina E. Eventos performativos e práticas performativas em paisagens afetadas por barragens. O Percevejo online - Periódico do programa de pós-graduação em artes cênicas ppgac/unirio Volume 04 – Número 02 – agosto-dezembro/2012.

SIMONI, Mariana. Emoções Pulverizadas: Performatividade no teatro de René Pollesch, Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

WENDEN, Catherine W. El fenómeno migratorio en el siglo XXI – Migrantes, refugiados

y relaciones internacionales. 2. ed. Tradução de Gabriela Vallejo Cervantes. México: FCE, 2013

SITES

TateShots: Meet the Artist - Lida Abdul. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IIJW43Ux_bM>. Acesso em 05 de julho de 2015.

Lida Abdul. Disponível em <www.lidaabdul.com>. Acesso em 15 de junho de 2016.

* CAMILA DUARTE é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, na Linha de Pesquisa: Pedagogias da Cena: Corpo e Processos de Criação, com financiamento CAPES. É graduada no curso de licenciatura em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Desenvolve trabalhos como atriz e performer.